

ESTADOS VAZIOS

Vitalizando Territórios Inabitados

BOLETIM
CEAPIA2021 

ANO XXV
NÚMERO 31
NOVEMBRO 2021



Pág.12

Entrevista com a convidada
Anne Alvarez



XLI
JORNADA ANUAL
• CEAPIA •

26 e 27 de novembro de 2021

www.ceapia.com.br

Sumário



- 04. Palavra da Presidente
- 05. Aula Inaugural: Aguçando Sensibilidades
- 06. Reencontro com Anne Alvarez
- 06. Anne Alvarez: Vale a Pena Ver de Novo
- 07. Prazer em Ler Anne Alvarez
- 08. Relação Vivaz e Ambiente Seguro
- 09. Setor de Adoção e Anne Alvarez
- 10. Sobre a Nossa Jornada: Encontros Preparatórios
- 11. Direção Científica
- 12. Entrevista com Anne Alvarez
- 14. Onde está a Casa?
- 15. Proteção Integral à Criança e ao Adolescente
- 15. Família: O *Coração Pensante* de Anne Alvarez
- 16. Intervenções Precoces e Triagem
- 17. Pesquisa e Avaliação Psicológica
- 18. Transtornos Alimentares e Atendimento a Pais
- 19. Quem Cai, eu Caio? Trabalho Destaque, Estágio e Comunidade

PRESIDENTE
Viviane Botelho Amaro da Silveira

VICE-PRESIDENTE
Roberta Peruchin Loureiro da Silva Breda

SECRETÁRIA
Gabriela Tomazeli

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Daniela Maltz Raskin

CODIRETORA ADMINISTRATIVA
Maria Rita Beltrão

DIRETORA DE ATENDIMENTO
Milene Maria Merg

DIRETORA CIENTÍFICA
Maria Cristina Lemes Bressani

CODIRETORA CIENTÍFICA
Raquel Brodacz

DIRETORA DE ENSINO
Elisa Rigon Forster

CODIRETORA DE ENSINO
Clarissa de Melo Leonardi Padilla

DIRETORA DE PESQUISA
Elisa Cardoso Azevedo

CODIRETORA DE PESQUISA
Cristiane Friedrich Feil

COORDENADORA DE DIVULGAÇÃO
Luísa Steiger Pires de Oliveira

EDITOR REVISTA PUBLICAÇÃO CEAPIA
Felipe Daniel Detoni

COORDENAÇÃO DA COMUNIDADE
Fernanda Porto e Fernanda Matte

COORDENAÇÃO DO BOLETIM
Camila Martinez e Laura Lotti

COMISSÃO DE ENSINO

Anelise Mariath Rechia, Andréa Hilgert Cardoso Zelmanowicz, Caroline Milman, Clarissa Gralha, Renata Hesseler Kreutz, Camile Fleury Marczyk, Elisa Forster, Clarissa Leonardi

COMISSÃO DE CURRÍCULO

Ana Rita Taschetto, Lisiane Cervo, Magali Fischer e Norma Escosteguy (Coordenadora)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Maria Cristina Bressani (Diretora Científica), Raquel Brodacz (Codiretora Científica), Ana Carolina Pechansky, Fernanda Halpern, Gabriela Ramos, Julia Foster, Roberta Golbert e Vanessa Giaretta.

COMISSÃO DE PESQUISA

Elisa Cardoso Azevedo, Cristiane Friedrich Feil, Luísa Feijó Pinheiro Mello, Roberta Iankilevich Golbert, Helena da Silveira Riter, Luisa Dall'Agnol e Cristina Horta

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

Luísa Steiger, Maria Luiza Piccinini, Júlia Jaskulski e Thanise Weinert

COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA

Felipe Detoni, Helena da Silveira Riter, Roberta Machemer, Rodrigo Polli e Vanessa Giaretta

COMISSÃO DO BOLETIM

Ana Carolina Pechansky, Roberta Golbert, Viviane Valmorbida, Camila Martinez e Laura Lotti.

REVISÃO

Press Revisão



Queridos leitores, sejam bem-vindos!

É com enorme prazer que apresentamos para a comunidade do CEAPIA o nosso Boletim de 2021, que retoma a sua tradição de celebrar a nossa tão querida XLI Jornada Anual: “Estados vazios: vitalizando territórios inabitados”. Neste ano, contará com Anne Alvarez como nossa convidada. Tradicionalmente, o Boletim volta sua atenção para o tema da Jornada, bem como para a nossa querida convidada. Não será diferente neste ano, o nosso Boletim será temático a respeito das propostas teóricas de Anne Alvarez e as repercussões da sua teoria nos diversos setores da nossa instituição, bem como a nossa formação faz uso e estuda Anne Alvarez.

O ano de 2021 traz um grande desafio, pois seguimos vivendo uma pandemia mundial, de Covid-19, apesar de já termos vacinas e o CEAPIA ter encontrado um ritmo para manter-se aberto e junto da comunidade.

A nossa Jornada deste ano será on-line, ainda reflexo da pandemia, mas, a partir da tecnologia,

foi possível contar com a presença on-line da nossa convidada, que se dispôs a estar com a gente.

Foi um ano de muita dedicação e estudo que culminou com uma Jornada muito especial. Gostaríamos de agradecer a todos os colegas e colaboradores que aceitaram nossos convites para participar deste Boletim, trazendo suas experiências nos diversos setores, e como a Companhia Viva foi fundamental para os nossos atendimentos e escutas, colaborando com suas reflexões a respeito deste momento complexo. Especialmente, gostaríamos de agradecer às queridas colegas da nossa Comissão Editorial, Ana Carolina Pechansky, Roberta Golbert e Viviane Valmorbida, que construíram conosco este material, de forma afetiva e muito investida.

Um grande abraço
e o desejo de uma boa leitura,
Camila Martinez e Laura Lotti



Palavra da Presidente

Seguimos em pandemia. Completamos um ano vivendo sob a presença indesejada do vírus da Covid-19. Voltamos a fechar a casa CEAPIA entre março e maio deste ano. Ao reabrimos, seguimos mantendo os cuidados de distanciamento físico, uso de máscara e higienização das mãos. Nossas atividades institucionais seguiram on-line, e o ambulatório presencial continuou funcionando de forma reduzida.

Tempos de incertezas, de dificuldades, mas também de grandes aprendizagens, um exercício de tolerância e de resistência. No CEAPIA, seguimos em busca de manter a casa funcionando e, ao mesmo tempo, adaptando-nos às necessidades dos novos tempos. Necessidades de tecnologia, de novas formas de ajudar nossos pacientes, de acolher a nossa equipe, de contribuir com quem precisa através do CEAPIA Social, de ser voluntário através da Escuta Solidária e de continuar buscando conhecimento. Neste ano, esta busca não poderia ser melhor: voltar a realizar a nossa Jornada Anual e receber Anne Alvarez na nossa casa como convidada. A sua vinda nos remete a um encontro de 25 anos atrás, cheio de boas lembranças e de aprendizagens inovadoras na técnica psicanalítica com crianças e adolescentes.

Poder reviver aquela experiência é um grande

conforto para o momento que estamos passando. Uma lembrança boa gera expectativas e motivações, sentimentos valiosos em situações de crise. Esperamos que as atividades preparatórias para a Jornada e que este Boletim possam nos motivar ainda mais para este momento. As contribuições da nossa convidada desde o livro *Companhia Viva* vêm nos possibilitando mudanças na forma de intervir com nossos pacientes.

Em seu segundo livro, segue ampliando tais possibilidades, abordando os três níveis de intervenções de acordo com os estados mentais dos mesmos. Agora, é aguardar as surpresas reservadas para a nossa XLI Jornada Anual.

Viviane Amaro da Silveira

Presidente do CEAPIA.

Gestão 2020-2022

Aguçando Sensibilidades

A Atemporalidade Radical do Racismo - Por uma Luta Continuada...

“Há muito ele não conhece algo que poderia lhe produzir a impressão de inquietante; primeiro tem de transportar-se para esse sentimento, evocar dentro de si a possibilidade dele” (Freud, 1919).

O racismo à brasileira, que faz parte de nossa história desde o sequestro do povo africano de sua terra e sua conseqüente escravidão, está em processo de se fazer objeto de estudos, reflexões e tomadas de posições antirracistas no mundo psicanalítico: aguçando sensibilidades – produzindo a impressão de inquietante. Estamos rompendo com o silêncio secular, o qual faz parte da constituição do nosso racismo estrutural, que atravessa a história da psicanálise brasileira – tempo de ruptura com a indiferença tanática, efetivada pela branquitude, em relação à letalidade do racismo na arquitetura psíquica da população negra, bem como da construção do tecido social. Esse contexto visa a perpetuar a falácia da superioridade racial do colonizador e seus descendentes, do século XVI ao XXI.

Nosso racismo, assentado no negacionismo enunciado nas narrativas da democracia racial, comporta três grandes dimensões: a econômica, a política e a produção de subjetividades – elementos que dão sustentabilidade à atemporalidade radical do racismo, o traumático em uma reedição contínua e interminável.

A chaga sistêmica do racismo impregnada nas múltiplas facetas da psicologia das massas e da constituição do Eu segue nos assombrando: somos o resultado da subjetivação e dessubjetivação de nossas vivências.

Sendo assim, como podemos contribuir para a elucidação e transformação do lugar que negras e negros ocupam no imaginário material e simbólico da cultura? Em primeiro lugar, devemos começar pelo reconhecimento – Há muito ele não conhece –, pelo povo branco, da sua participação ativa na gênese, proliferação e manutenção do racismo.

Essa raça, brancocêntrica com seu narcisismo destrutivo, necessita haver-se com o racismo que a habita - estranhar em suas vísceras - seguindo a recomendação freudiana: primeiro tem de transportar-se para esse sentimento, evocar dentro de si a possibilidade dele.

Decorrente desse processo, com seu potencial de gerar culpa e vergonha, requer ir além, ter a coragem de avançar, caminhando em direção à responsabilidade, criando as condições mínimas para fazer um esforço coletivo, em prol de ações reparatórias, em todos os segmentos da sociedade. Tempo de efetivar, também, essas ações nas instituições comprometidas com os princípios éticos que comportam a psicanálise e o ser psicanalista.

O antirracismo da coletividade da raça humana, com seu poder disruptivo, tem urgência: por uma luta continuada...

— **Ignácio A. Paim Filho**

Psicanalista, negro, membro pleno do CEPdePA, membro titular e didata da SBPdePA.

Convidado da aula inaugural de 2021 do Curso do CEAPIA.

Algumas indicações para seguir trabalhando a espinhosa temática do racismo na sua inter-relação com a branquitude:

RACISMO

Por uma psicanálise implicada
(Paim Filho, 2021, Artes e Ecos).

Neste livro, o autor trabalha a necessidade e o compromisso da psicanálise por instrumentalizar recursos subjetivos e objetivos, para fazer acontecer medidas em prol da desconstrução do racismo estrutural:

“Tempo de pensar, propor e fazer ações reparatórias”.

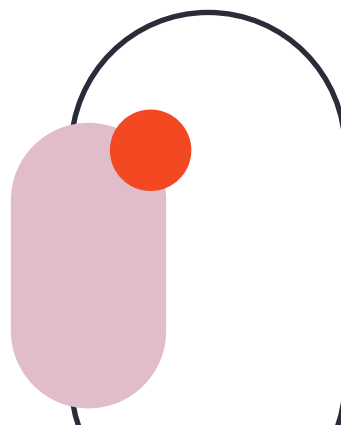
AMARELO

(Laboratório Fantasma, Emicida, 2020).

Neste documentário, deparamo-nos com uma verdadeira aula de letramento racial crítico. Possibilidade de transitar entre o hoje e o ontem, sobre a história do povo negro, resgatando fatos e personagens que marcaram a luta antirracista.

Cenário que tem como elemento de ligação/Elo a força de Eros, assinalando a capacidade desse povo de seguir lutando e resistindo, apesar de toda a ação deletéria do racismo sistêmico:

“É tudo pra ontem” (Emicida).



Reencontro com Anne Alvarez

Reencontrar Anne Alvarez, autora de *Companhia Viva* (1992/1994), mais de 25 anos depois – tendo sido nossa convidada especial na Jornada Anual do CEAPIA em 1996 – e mais uma vez acompanhá-la, em seu percurso reflexivo, agora com a publicação de seu segundo livro – *O Coração Pensante* (2012/2020) – será um privilégio! *Três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes* é o subtítulo deste segundo livro, que já nos prepara para o (belo) desafio de conhecer, estudar e aproveitar a sistematização teórica, original e rigorosa que ela nos oferece, com base em sua rica experiência clínica.

Esforços ativos e atenta vigilância da terapeuta para encontrar formas de ser “suficientemente densa, suficientemente comprometida e concentrada, suficientemente real”(p.32), isto é, “manter o equilíbrio entre aproximar-se suficientemente do paciente para permanecer em contato e ficar afastado o suficiente para ser capaz de pensar”: essa é sua constante e renovada proposta.

Psicóloga canadense, nascida em Toronto, em 1936, Anne Alvarez cedo transferiu-se para Londres, fazendo sua formação na Clínica Tavistock, onde permaneceu longos anos, como Terapeuta Infantil Consultante, dedicando-se também ao tratamento do autismo.

Anne Alvarez: Vale a Pena Ver de Novo

Foi com grande entusiasmo que recebemos a notícia de que Anne Alvarez será a convidada da XLI Jornada Anual do CEAPIA, um bálsamo para compensar esses tempos difíceis, de carência de encontros presenciais!

Particpei da Jornada do CEAPIA em 1996, quando Anne Alvarez esteve presencialmente conosco, e acho incrível constatar que de lá para cá já se passaram 25 anos! Sua presença cativante, sua generosa transmissão da técnica nos atendimentos de casos com distúrbios e sofrimentos severos, sua comunicação acessível a respeito de temas clínicos desafiadores são registros que permanecem vívidos conosco e que fizeram daquela uma das nossas mais memoráveis Jornadas!

Na época, estava sendo lançado no Brasil seu livro *Companhia Viva* – hoje considerado um clássico

Sua formação como psicoterapeuta infantil desenvolve-se, portanto, no meio psicanalítico britânico: além de Melanie Klein, utiliza os referenciais de Frances Tustin, Rosenfeld, Bion, Winnicott, Meltzer, H. Segall, atribuindo a Betty Joseph a “grande influência em sua vida”.

Reencontramos seu pensamento como um jardim que cresceu, com novas flores que se entrelaçam, enriquecendo ainda mais seu precioso estímulo para a constante e sólida integração da clínica psicanalítica com crianças, com os mais modernos campos de pesquisa em desenvolvimento e patologias graves.

— Norma Escosteguy
Membro do Conselho do CEAPIA



na abordagem terapêutica psicanalítica de crianças autistas, borderline, abusadas ou desamparadas. Ao longo desses anos, Anne Alvarez fez jus ao título de seu livro, mantendo-se no CEAPIA como uma referência fundamental, sempre presente nos Seminários Teóricos (especialmente de Técnica da Infância). Dispondo de uma sólida base psicanalítica, a autora parte de Freud, Klein e Bion e demonstra uma natural disposição à integração desses aportes a ideias da Psicologia do Self, a contribuições de Winnicott, a importantes pesquisas do desenvolvimento do bebê.

Sua narrativa em torno de um longo e cuidadoso tratamento de uma criança autista, Robbie, é um marco no atendimento desses quadros, com uma ampliação na compreensão psicanalítica e nas ferramentas técnicas para acessar tais crianças.

Quando nos deparamos com casos de abuso sexual infantil, as proposições sobre a necessidade de lembrar e a necessidade de esquecer seguem com toda sua atualidade, como uma leitura muito recomendada aos nossos jovens colegas.

E suas reflexões sobre Depressão clínica e Desespero nos convocam a revisar a visão de “defesas”, as quais passaram a ser consideradas “conquistas” em quadros crônicos, quando uma criança ainda nem teria desenvolvido manobras protetoras frente a angústias insuportáveis. As ideias semeadas por Anne Alvarez em 1996 seguem pulsantes em discussões clínicas, não somente nesses quadros graves, estendendo-se também a momentos de turbulência de pacientes menos prejudicados.

Desde que a conhecemos pessoalmente, seguimos acompanhando a brilhante trajetória de Anne Alvarez, através de seus artigos publicados e entrevistas concedidas a Revistas de Psicanálise, o que nos permite constatar o quanto ela segue vibrante e consagrada no cenário psicanalítico mundial.

Nesse percurso de mais de 50 anos de experiência clínica, compartilhou seu talento, sua delicada calibragem das intervenções e sua criatividade em propor uma Gramática da Interpretação voltada à singularidade de cada caso.

É um privilégio tê-la novamente conosco, justo quando é lançado no Brasil seu livro *Coração Pensante*, mais um título inspirador, que parece retratar fielmente a figura de Anne Alvarez.

Lisiane Milman Cervo
Supervisora do CEAPIA



O Prazer em ler Anne Alvarez

O segundo ano da especialização do CEAPIA oportunizou o estudo dos principais conceitos da obra de Anne Alvarez. Obra sensível, consistente, que traz uma revisão teórica interessante, pois contempla desde autores clássicos a contemporâneos. Seus conceitos abrem espaço para pensar de uma forma ampla o trabalho psicanalítico com crianças e adolescentes.

Com estes pacientes, é fundamental saber escutar e acolher suas vulnerabilidades e dificuldades emocionais, e Alvarez nos ensina que o equilíbrio de uma boa intervenção terapêutica está na capacidade de ser paciente e de servir como uma companhia viva para o paciente. Como companhia viva, a autora refere-se a estar disponível psiquicamente para construir junto com o paciente uma nova experiência afetiva.

No Seminário de Técnica Infantil, debruçamo-nos sobre seu livro *Companhia Viva* e, ao longo do curso, estudamos capítulos de seu novo livro *O Coração Pensante*. Sinto que tomar contato com a obra desta autora tem o potencial de nos transformar enquanto psicoterapeutas, nos traz uma nova forma de estar com os nossos pacientes – uma forma viva. Parafraseando a própria Anne Alvarez, “o psicoterapeuta precisa sentir-se suficientemente transtornado para sentir pelo próprio paciente e, ao mesmo tempo, suficientemente sadio para pensar com ele” (1994, p. 12) até que ele consiga pensar por si próprio.

Engendrar com o paciente um novo caminho requer disponibilizar dentro da gente um espaço de acolhimento para seus sofrimentos e suas angústias, oriundos das privações e negligências que lhe causam o padecimento psíquico.

Considerada por mim uma mestra na arte de tratar crianças e adolescentes, estudar Anne Alvarez é adentrar em um mundo marcado pela sensibilidade da escuta, pela necessidade do amparo e pela urgência do cuidado.

Paula Caroline Dassoler
Psicóloga e Aluna do 2º ano do Curso do CEAPIA



Relação Vivaz e Ambiente Seguro

Um breve relato do trabalho em Ambientoterapia

Anne Alvarez é uma teórica de base dentro da ambientoterapia, visto que seu trabalho com crianças regressivas e com questões de conduta é inspirador. Em um espaço de tratamento onde o ambiente é o fator terapêutico, baseamos nosso trabalho na vivência com as crianças no aqui-agora, e nosso manejo reclamatório por vida e por ligação, sempre lembrando da necessidade que nós, terapeutas, temos de reassegurar a potência da criança e de sermos cuidadosos com as nossas interpretações.

Para intervir, precisamos entender em que nível de patologia o paciente se encontra, naquele momento, para identificar se estamos trabalhando com um aparelho psíquico, em que já há um significado, ou se precisamos construir um sentido e vitalizar aquele paciente.

Anne Alvarez chama essa busca de trabalho de calibragem, para assim alcançar o paciente no nível mental em que ele se encontra e melhor ajudá-lo. Na teoria de Alvarez, percebemos a importância de seu conceito de “reclamar”, fundamental para o trabalho da ambientoterapia, com pacientes autistas. Este tem a intenção de resgatar pacientes que se encontram retirados de sua própria existência. Para que seja compreendido o que se passa na interação ali vivida, a autora propõe que o psicoterapeuta deve ser uma figura viva e real, e, assim, capaz de conter desesperos e frustrações de forma ativa. Quando falamos no trabalho em nível vitalizante, precisamos auxiliar os pacientes a se interessar pelo objeto vivo que se apresenta a eles.

Nossas interpretações precisam conter intensidade, modulação e ritmo no tom da nossa voz e no movimento do nosso corpo, pois estes aspectos tão primitivos precisam ser sensíveis à necessidade de prender a atenção do paciente. A autora registra a importância de encontrar-se o equilíbrio entre a intensidade intrusiva e a fraca demais – que não liga. Cabe, ainda, destacar o trabalho vital que a ambientoterapia se propõe a realizar com pacientes que têm dificuldades em identificar e modular suas emoções. Muitas vezes, essas são sentidas como fortes, intensas e podem ser desorganizadoras. Nesse caso, o trabalho de Anne Alvarez nos permite ajudar os pacientes a construir uma maior capacidade de continência para suas emoções, relacionado à capacidade do terapeuta de suportar essas emoções intensas, junto das crianças.

Assim como falamos do nosso papel como psicoterapeutas no trabalho com esses pacientes, reforçamos também a ideia de trabalho em um ambiente seguro e contínuo. A ambientoterapia tem essa função terapêutica, de proporcionar um espaço onde os traumas possam ser elaborados e a história de cada um reescrita, a partir de um ambiente suficientemente bom, previsível e que sobreviva aos ataques sem se destruir. Estar com os nossos pacientes é se emprestar vivamente como modelo de interação e de ligação com o mundo externo.

— **Fernanda Matte, Camila Martinez, Ana Paula Souza, Diandra Heger, Julia Foster, Juliana Garofalo e Laura Lotti.**

Coordenadora, Cooordenadora e Equipe do Setor de Ambientoterapia

O Setor de Adoção e Anne Alvarez

As ideias apresentadas por Anne Alvarez em seu segundo livro – *O Coração Pensante*, no qual apresenta, discute e procura sistematizar “três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes” – trazem aos casos abordados pelo Setor de Adoção uma contribuição – e inspiração – imensamente significativa.

Reproduzimos abaixo o Quadro em que a autora resume esses três níveis, de acordo, em cada um deles, com os referenciais teóricos predominantes, com a capacidade cognitiva do paciente, com a formulação (gramática) da interpretação e com o estado mental correspondente (p.55):

Níveis de Interpretação

Interpretação/ Tipos de Significado	Teoria e Técnica	Capacidade Cognitiva	Gramática de Interpretação	Estado Mental (Não Diagnóstico)
Explicar, Localizar, (Oferecer Alternativas)	Freud, Klein. Desejos/Defesa; Devolver Projeções.	2 Trilhos	Por quê-porquê, quem-você.	Neurótico, normal, borderline moderado.
Descrver, Nomear (Dar e ampliar significados)	Blon, Winnicott, Stern Necessidades, proteções, conter projeções, facilitar introjeções.	1 Trilho	O quê (Whatness) Ser (Isness).	Borderline, autistas, psicóticos, atraso de desenvolvimento, vício, perversão.
Vitalizar (Insistir no Significado)	Tustin, Reid, Alvarez Reclamar, gerar, desencorajar, vício ou perversão.	0 Trilho, ou trilhos desviantes	Chamado-Olá!	Borderline, autistas, psicóticos, atraso de desenvolvimento, vício, perversão.

Enquanto o primeiro nível corresponde ao estado mental neurótico, normal, o segundo e o terceiro enfocam os casos de falhas precoces, incidindo sobre as repercussões dessas falhas nos relacionamentos objetivos de que depende cada estruturação psíquica. O desenvolvimento, avaliado desde a observação de bebês (1), a dinâmica da psicopatologia (2), e os resultados possíveis de serem obtidos com a adequação dos dispositivos terapêuticos psicanalíticos (3) constituem suas bases teóricas.

O conceito de conflito x déficit pode ser lembrado – enriquecido com a descrição minuciosa e atenta, através da contratransferência, das peculiaridades das falhas objetivos. Expondo a diferenciação clínica entre estados mentais neuróticos, borderline e psicopáticos (p.172), a autora propõe comparar “a raiva no paciente neurótico; o desespero, a indignação e a vingança em dois pacientes borderline; e a crueldade gélida e calculista em um paciente psicopata, muito jovem. Em uma paciente neurótica, é possível uma interpretação explicativa sobre raiva, em razão de perda ou de ciúme: é positivo dizer algo como: ‘Você está zangada, porque...’ Isso ocorre em pacientes em que há certa capacidade de sentir culpa, alguma capacidade de sentir amor, um ego que possa processar insight sobre a sua própria agressividade e também já tenha estabelecido respeito próprio”.

Em outro exemplo – que se aproxima mais dos casos que atendemos no Setor de Adoção –,

um menino pequeno (Peter), cuja terapeuta deixaria a clínica em um mês, chega à sessão em condição de muito desespero, agitação e fragmentação.

Ele sofreu privação excessiva no primeiro ano de vida (depressão materna profunda), e pega o calendário e pergunta quando parariam (...) A terapeuta começa a falar e ele rasga o calendário.

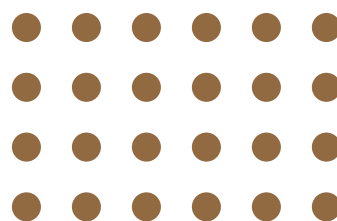
A terapeuta diz-lhe que estava zangado com ela, porque...(interpretação explicativa de defesa). Peter fica mais agitado e derruba uma cadeira; a terapeuta repete a interpretação. Ele agita-se ainda mais e começa a bater a cabeça contra a parede, algo que fizera quando bebê. Nesse caso, ele demonstra (claramente) que não está em condições de pensar e processar sua raiva. Faltam o funcionamento necessário do ego e a necessária esperança. A interpretação descritiva poderia ser: “Realmente, é terrível para você que eu esteja indo embora. Isso não deveria acontecer. Eu não deveria abandonar você”. É esse reconhecimento do desespero da criança que poderia ampliar e trazer às palavras o sentido de injustiça – ainda não nomeado.

Anne Alvarez também ressalta que esse ódio desesperado ou ressentido – relacionado a privações, traumas e negligência – precisa ser cuidadosamente diferenciado da agressividade brutal, gélida, do psicopata psicopata – que pode sentir as interpretações descritivas até como conluio.

— Norma Escosteguy, Ana Luiza Bittencourt Berni, Ana Paula Souza, Clarissa Mattos, Emanuele Andreazza, Felipe Marazita, Fernanda Halpern, Karla Fonseca, Luísa Dall’Agnol, Mauro Ferreira, Priscila Sternberg, Renata Kreutz e Rosa Lucia Severino.

Coordenadoras e Equipe do Setor de Adoção

Sobre a Nossa Jornada: Encontros Preparatórios



A XLI Jornada do CEAPIA vem sendo pensada com carinho desde o ano passado, quando, invadidos pelo cenário da pandemia, tomamos a decisão, junto à Direção, de não realizarmos esse evento em 2020 – ainda que costumeiramente fosse oferecido de maneira anual. Com essa espera, nutrimos o desejo de uma Jornada cujo convidado fosse uma personalidade significativa para a formação do CEAPIA.

Ao pensarmos em possíveis nomes para esse convidado de destaque, já tínhamos a intenção de desenvolver um trabalho de aprofundamento e de estudo prévio à Jornada em sua obra. Após a confirmação da convidada Anne Alvarez, o nosso desejo de imersão em seus escritos e em seu pensamento clínico se intensificou. Anne Alvarez é inspiração e base importante daqueles que constroem sua trajetória profissional na nossa instituição.

Em outros anos, já havíamos proposto encontros preparatórios para a Jornada. No entanto, costumam ser restritos aos sócios e ter um espaço menor dentro do CEAPIA. Aproveitando a possibilidade de adesão de pessoas de diversos lugares do país, proporcionada pelo formato on-line, decidimos valorizar esses encontros, dando também um merecido destaque ao construto de Anne Alvarez. Assim, organizamos os encontros preparatórios para participantes sócios e também não sócios da instituição. O objetivo é possibilitar momentos de estudo, de trocas e de reflexões sobre as produções de nossa convidada. Iniciamos esses encontros a partir do livro que nos era mais familiar e com o qual a autora ganhou notoriedade em sua trajetória: *Companhia Viva*, publicado pela primeira vez em 1994. Na revisão desta obra, tivemos a oportunidade de rememorar a ocasião em que Alvarez esteve conosco, na Jornada de 1996. Relembramos suas contribuições na clínica de crianças borderline, desamparadas, maltratadas ou que vivem em um deserto psíquico.

Para o seguimento desses encontros preparatórios, o foco é o mais recente livro da autora, *O Coração Pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes*. Originalmente publicada em 2012, a obra é um generoso legado de Anne Alvarez, fruto dos seus 50 anos de experiência na clínica de pacientes graves. Desdobramos os encontros de acordo com o que ela propõe como os três níveis de trabalho analítico: explicativo, descritivo e vitalizante, correspondentes às três partes do livro.

A cada encontro, um convidado nos apresenta os principais aspectos teóricos e técnicos que a autora trabalha ao longo dos capítulos. Complementando este mergulho no pensamento de Alvarez, o penúltimo encontro preparatório destina-se à leitura e discussão de seu texto mais contemporâneo, *O Futuro Perfeito*, apresentado pela primeira vez em um evento no Brasil neste ano, e ainda não publicado.

Encerrando esta pré-Jornada, no dia 30 de outubro houve a apresentação dos Temas Livres,

Foi um momento em que alguns colegas irão compartilhar conosco suas produções escritas, movendo-nos pelo que nos une: a paixão pela clínica e pela psicanálise.

— **Maria Cristina Bressani, Raquel Brodacz,
Ana Carolina Pechansky, Fernanda Halpern,
Gabriela Ramos, Julia Foster,
Roberta Golbert e Vanessa Giarretta.**

Comissão Científica



Direção Científica

Organizar a primeira Jornada on-line do CEAPIA tem sido um grande desafio e uma imensa responsabilidade. Neste exercício de se reinventar frente aos desafios impostos por este fenômeno catastrófico de proporção mundial, a Direção Científica foi em busca de referências para enfrentar, novamente, de uma forma (cri)ativa as vicissitudes desta tarefa.

Nos questionamos frequentemente: como podemos tirar proveito das limitações impostas pela necessidade de afastamento social em um momento em que as ilusões e expectativas otimistas investidas em 2021 precisaram ser proteladas... mais uma vez?

Foi assim que optamos em aproveitar a Jornada como oportunidade para nos aproximar virtualmente daqueles que estão longe e que, talvez, presencialmente, não se dispusessem a fazer uma grande viagem... Novamente, a reflexão nos levou ao nome de Anne Alvarez, que aceitou nosso convite de imediato e com seu jeito gentil, flexível e delicado. Com doçura e respeito, também topou prontamente rever a primeira data agendada para nosso encontro.

Podemos dizer que a convidada principal da XLI Jornada do CEAPIA é uma autora que representa nossas ideias e que contribui com o crescimento de todos na teoria e na prática clínica. Anne Alvarez, seus estudos e suas práticas estão muito presentes nos espaços físicos e virtuais do CEAPIA, e sua teoria reverbera em nossos seminários, supervisões,

produções, discussões e atendimentos. Desde sua visita a Porto Alegre 25 anos atrás, esta figura inspiradora e cativante, que nos ensinou tanto e nos fez repensar sobre nossa prática com pacientes severamente perturbados, transita entre nossas mentes diariamente, não de uma maneira rígida, mas de uma forma criativa, inspiradora e esperançosa.

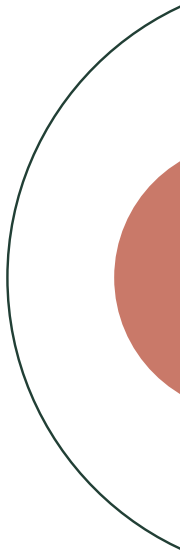
Seus conceitos guardam uma profundidade teórica e clara aplicação prática. Uma autora que se atualiza constantemente, faz costuras entre a elasticidade da técnica analítica com conceitos das neurociências com uma consistência sem igual. Experimenta, repensa, analisa, arrisca, aprende e nos ensina a partir de sua experiência vivida.

Asatisfação com o retorno da nossa comunidade com a notícia da convidada foi indescritível para nós da Comissão Científica e da Direção. Estamos muito empolgados com esta oportunidade de abrir mais um espaço para a escuta desta referência.

Estamos muito felizes com a realização deste encontro e desejamos que seja uma excelente experiência a todos os participantes!

— **Maria Cristina Bressani e Raquel Brodacz**

Direção Científica do CEAPIA
Gestão 2020/2021



Entrevista com Anne Alvarez

Dra. Anne, um grande prazer poder contar com sua presença em um evento do CEAPIA novamente, após 25 anos. A Sra. sabe que sua obra e sua primeira visita deixaram um importante legado para nossa instituição. Por favor, conte-nos um pouco sobre momentos marcantes de sua trajetória profissional e dos autores que mais inspiram sua produção teórica e sua prática clínica.

Anne Alvarez: Estudei Psicologia na Universidade de Toronto, no Canadá, e na Universidade de Indiana, nos EUA. Ao escrever minha pesquisa sobre a resposta de pacientes com esquizofrenia a elogios versus críticas na tarefa de aprendizagem, tive a sorte de ler um artigo de Frieda Fromm-Reichman, no qual ela referia que não conseguia fazer contato com uma mulher inacessível, com esquizofrenia. Por fim, ela perguntou à mulher como ela estava se sentindo, e a mulher simplesmente ergueu um pouco o dedo mínimo. FFR disse: “Tão solitária?” e a mulher acenou com a cabeça.

Adorei o trabalho dela e o de HS Sullivan. Em 1959, trabalhei durante um verão no Canadá em uma ala com crianças com autismo. Fiquei fascinada pelos diferentes subgrupos – aqueles que realmente pareciam indiferentes à presença de outras pessoas e aqueles que pareciam totalmente conscientes, mas as evitavam.

Após a graduação, trabalhei em um hospital perto de Toronto em um projeto de pesquisa para a reabilitação de pacientes esquizofrênicos crônicos. Descobri que, às vezes, suas falas bizarras pareciam ter algum significado misterioso e isso também era fascinante. Eu então vim para a Inglaterra com uma bolsa do MRC (*Conselho de Pesquisa em Medicina*), onde fui assistente de pesquisa de um famoso psicólogo, Graham Foulds, que criticava a visão predominante de que pacientes com esquizofrenia paranoide e pacientes psicóticos depressivos podiam ser distinguidos uns dos outros por sua sintomatologia, ou seja, suas personalidades podiam ser definidas por seus sintomas e eles poderiam ser classificados pelos sintomas. Ele discordava e pensava que os sintomas poderiam ser separados das características da personalidade e me pediu para ler a literatura psiquiátrica em preparação para a pesquisa. Ninguém jamais havia distinguido personalidade de sintomas, exceto,

como descobrimos, os psicanalistas.

Um psicólogo sugeriu que talvez eu gostasse de ler os dois grandes artigos de Melanie Klein sobre o assunto das diferenças entre estados mentais paranoicos, depressivos e maníacos, e eles mudaram minha vida.

Eu adorei trabalhar na extremidade mais doente do espectro autista e psicótico porque é muito interessante observar uma mente crescer. Hyatt Williams, Martha Harris, Esther Bick, Frances Tustin e Betty Joseph foram professores maravilhosos e inspiradores durante e após meu treinamento em Tavistock.

Impossível não pensar no impacto e nos desafios enfrentados nos últimos tempos em função desta experiência global da pandemia da Covid-19.

Por favor, compartilhe conosco algumas reflexões a respeito deste fenômeno mundial, especialmente no que tange às questões da infância e adolescência.

Anne Alvarez: Bem, como vocês sabem, tem havido um grande aumento na demanda por serviços de saúde mental tanto para adultos quanto para crianças, e no Reino Unido esses serviços eram, mesmo antes da Covid, terrivelmente escassos. Agora a situação piorou e algumas clínicas, por exemplo, só atendem adolescentes suicidas após a terceira tentativa! Vocês provavelmente também devem ter notado que muitos analistas e terapeutas que se opunham ao trabalho on-line acharam necessário fazê-lo.

Algumas pessoas ainda odeiam fazer isso. Descobri, para minha surpresa, que alguns pacientes até preferem isso – alguns adolescentes que têm vergonha de ser vistos, alguns que se sentem menos envergonhados de seus impulsos tendo a proteção de uma tela. Alguns analistas preferem o telefone, porque é mais provável que o paciente fique no divã, outros preferem o telefone porque acham que ficar olhando um para o outro por 50 minutos inteiros não é natural.

Mas Jill Scharff, que editou dois livros sobre o assunto e clínica e leciona on-line há décadas, diz que é um erro simplesmente olharmos apenas um para o outro, deveríamos ser livres para olhar para outra coisa.

As pessoas pensavam que crianças pequenas seriam intratáveis dessa maneira, mas não são, se um ambiente [*setting*] adequado puder ser proporcionado pelos pais. Uma analista infantil forneceu brinquedos semelhantes, para que pudessem brincar juntas como antes, na tela. A maioria das crianças diz que pode ser, mas não é tão bom quanto o trabalho presencial.

Acho que alguns pacientes não se importam porque são capazes do que Stern chamou de sintonia modal cruzada. Ou seja, eles têm uma experiência mais completa e tridimensional do que alguns outros.

O livro *O Coração Pensante* parece que foi uma evolução natural das ideias do *Companhia Viva*. Em nosso encontro, a conferência versa sobre a questão dos Estados Vazios e os desafios de tentar preenchê-los. Como podemos entender a sua trajetória deste último livro até chegar a este importante conceito?

Anne Alvarez: No livro, procurei descrever e ilustrar os três níveis de intervenção e as três maneiras diferentes de atribuir significado. A técnica de vitalização de recuperação foi descrita como aplicável quando o paciente tem déficit no self e no objeto interno, onde ambos estão mortos ou muito fracos. Comecei a perceber que alguns de meus colegas kleinianos não aceitavam que pudesse haver estados vazios. Achei que um deserto psíquico fosse diferente de um retiro psíquico, e John Steiner não pareceu se importar com a distinção, mas outros colegas viam o vazio como resultado de um esvaziamento ativo, uma resistência ou ataque a vínculos, não uma incapacidade de vincular. Portanto, elaborei este artigo.

Quando pensamos na sua obra, no seu trabalho clínico, a primeira palavra que vem à nossa mente é “Companhia Viva”. As associações giram em torno de profundidade teórica e aplicação técnica das construções. Pensar na “pessoa” Anne Alvarez nos remete a cuidado, autenticidade, respeito, espontaneidade, generosidade, inovação, ousadia, investimento, vitalidade, uma inspiração para todos. Porém, imaginamos que tenha sido um desafio apresentar uma teoria que coloca a pessoa do terapeuta em pauta, questionando a “rigidez” da “neutralidade”, dos supostos saberes, enfrentando suas falhas, dúvidas, questionamentos e reconstruções. Conta pra nós sobre o processo até essa importante integração, que é um diferencial no seu trabalho clínico.

Anne Alvarez: Às vezes, é doloroso ser tratado como um herege. Mas eu defendo que os psicoterapeutas infantis estão vendo algumas crianças tão negligenciadas emocionalmente, que nunca entrariam no consultório de um analista de adulto e que alguns de meus colegas nunca testemunharam tais graus de vazio.

Sabemos que sua teoria se desenvolveu a partir das experiências com pacientes graves, mas podemos pensar que a ideia dos “estados mentais de vazio” pode implicar em uma “plasticidade”, estados que podem estar presentes em qualquer um de nós

em alguma medida? Ou seja, em muitos pacientes considerados neuróticos, podemos encontrar e trabalhar os estados mentais de vazio e, também, trabalhar dentro dos diferentes níveis apresentados na sua teoria?

Anne Alvarez: Sim, alguns pacientes são mais fracos – constitucionalmente ou por outras razões – do que outros. Eles precisam de ajuda para desenvolver seu senso de agenciamento e curiosidade e praticar para serem mais fortes.

Atualmente, em sua obra, temos importantes referências nos achados das neurociências, dos estudiosos do desenvolvimento e do comportamento em clara sintonia com as evoluções da teoria psicanalítica. Como essas ideias têm sido acolhidas pela sociedade psicanalítica? A Sra., em algum momento, recebeu críticas por estar buscando conciliar teorias supostamente “epistemologicamente diferentes”?

Anne Alvarez: Sim, não é apenas Andre Green que odiava e odeia essas disciplinas sendo bem-vindas no campo psicanalítico. Eu fui atacada. Mas quando eu treinei como kleiniana, não entrei para uma igreja, não se tornou um dogma.



*Esta entrevista com Anne Alvarez foi realizada por e-mail por **Maria Cristina Bressani e Raquel Brodacz** (Direção Científica do CEAPIA gestão 2020/2021)

** O conteúdo da entrevista foi traduzido por **Ângela Silveira**, que será a tradutora oficial do evento.

Onde está a Casa?

O trabalho de validação e sustentação com pacientes graves

“Era uma casa muito engraçada, não tinha teto não tinha nada, ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão, ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede, ninguém podia fazer xixi, porque pinico não tinha ali, mas era feita com muito esmero na rua dos bobos, número zero”.

Esta canção de Vinícius de Moraes representa muito dos pacientes que recebemos no Corpo Clínico, sujeitos que ainda não conseguiram construir uma casa/mente suficiente para acolher dores, temores e adversidades da vida. Como nos mostra bem Anne Alvarez, com suas palavras eficazes, esses pacientes precisam ser atendidos em suas “necessidades”. O terapeuta, de forma vivaz e profunda, precisa acolher atentamente e proporcionar estrutura que os torne capazes de experienciar caminhos seguros e com muito esmero, de construir paredes de sustentação, telhado de proteção, encontrando um lugar com endereço e identidade própria.

O trabalho com pacientes borderline, nosso principal público no Setor do Corpo Clínico, requer das terapeutas sensibilidade, disposição para conexão emocional com aspectos primitivos e muita capacidade de contenção interna. A reviravolta técnica que Anne Alvarez traz de forma tão clara, sincera e consistente tem fornecido importantes ferramentas teórico-clínicas que nos “sustentam” nesta árdua caminhada com nossos pacientes em profundo sofrimento psíquico – sofrimentos da ordem da urgência e do desespero.

A ideia de “gramática dos imperativos”, com a visão sobre o que é muito mais da ordem da necessidade que do desejo, a importância da validação e compreensão da necessidade legítima de “sentir certos sentimentos”, a compreensão, contextualização e reconhecimento de que o uso de certas defesas mais primitivas deve ser respeitado sem “interpretações de desmascaramento”, além de outros aportes absolutamente essenciais, nos oferecem a convicção e o “amparo” do qual também nós, psicoterapeutas, precisamos para auxiliar nossos pacientes na (re)construção de suas casas-mente.

**— Anelise Mariath Rechia, Patrícia Cohn,
Aline Bruschi, Camila Martinez,
Fernanda Porto, Fernanda Matte,
Gabriela Luz, Lara Schmidt,
Luísa Steiger e Mariana Rosa.**

Coordenadoras e
Equipe do Corpo Clínico

Proteção Integral à Criança e ao Adolescente

Existem quatro tipos de violência contra crianças e adolescentes, que são classificadas em: Negligência, Violência Física, Violência Psicológica e Abuso Sexual. A prevalência de quase todos os casos atendidos na instituição é de abuso sexual.

Esse tipo de violência, a mais danosa para o psiquismo, exige do terapeuta uma intervenção mais ativa, tanto dentro do *setting* quanto na necessidade de um trabalho multidisciplinar.

A modalidade de consultoria destina-se aos alunos que atendem tais crianças. Nessa modalidade, o aluno faz contato diretamente comigo para, juntos, avaliarmos quais são as possíveis intervenções terapêuticas diante de cada caso.

Anne Alvarez, convidada especial da nossa Jornada, possui uma vasta experiência com crianças carentes, maltratadas e seriamente perturbadas por situações externas, como, por exemplo, as que sofreram abuso sexual. Anne também é reconhecida por seu trabalho com crianças autistas e borderlines. Em sua obra *Companhia Viva*, ela nos apresenta toda sua sensibilidade, sua técnica, seu entendimento e sua construção de um modelo de psicanálise que se faz necessário aos terapeutas no atendimento dessas crianças.

— Valéria de Araújo Rocha
Consultoria de Proteção

Família O Coração Pensante de Anne Alvarez

O Coração Pensante: uma metáfora que nos fala da integração possível ou impossível entre emoções e construtos mentais de uma criança, necessária para o estabelecimento de relações com pessoas significativas como seus pais, que, desde o início de sua vida, deverão lhe apresentar um mundo externo seguro, a ser descoberto.

Uma família diante de um filho com problemas graves de desenvolvimento necessitará de

um espaço terapêutico para resgatar suas competências e modificar padrões de funcionamento, podendo sentir-se acolhida, compreendida e validada nos seus esforços para lidarem com realidades frustrantes e, por vezes, difíceis de compreender. A psicoterapia familiar é uma indicação que complementará as demais intervenções terapêuticas em um contexto de multidisciplinaridade, previsível nestes casos.

— Rosa Lúcia Severino
Consultoria Familiar

Intervenções Precoces

O trabalho com bebês e crianças pequenas se caracteriza por observar apuradamente sobre o que é esperado ou não para cada etapa do desenvolvimento. O ponto de vista de todos que acompanham as crianças no dia a dia (familiares, escola, pediatras) auxilia a formação de uma visão integrada da criança. O comportamento e suas manifestações, assim como aspectos motores ou processos de desenvolvimento da linguagem são formas de expressão das crianças muito pequenas, quando as palavras ainda não são um meio de transmitir o que estão sentindo. A convidada da nossa Jornada, Anne Alvarez, destaca questões observadas em bebês em que ela fala dos detalhes de como a mente humana, desde cedo, depende da interação com os outros para se estruturar, a importância de os pais estimularem a capacidade de pensar em “dois trilhos” já em bebês, ou seja, a capacidade de pensar dois pensamentos ou sentimentos ao mesmo tempo.

Como as crianças percebem o mundo ao seu redor, em alguns casos, pode ter alguma distorção precoce por diversas razões, sendo uma delas a própria constituição da criança, não se tratando de alguma questão da interação em si com os pais no primeiro ano de vida. Anne Alvarez abre nosso olhar sobre como o bebê expressa suas emoções através da coordenação motora, pensando a criança integrada corpo e mente. Por exemplo, a coordenação das pernas depende do estado emocional do bebê: lemos os sinais do corpo, se está calmo ou excitado;

Triagem

Companhia Viva para acolher e Coração Pensante para encaminhar. O ano de 2021 seguiu cheio de desafios para o Setor de Triagem. As Triagens permanecem prioritariamente on-line, mas, conforme a demanda, disponibilizamos também horários presenciais: muitos Robbies, Dannys, Alices, Donalds, Angelas, Jeans passaram por nós.

Mantivemos os aprendizados adquiridos desde o início da pandemia: independentemente de as Triagens serem on-line ou presenciais, agora também podem ser agendadas por e-mail. Discutimos – como um trabalho de calibragem – todos os casos em equipe, antes de encaminhá-los, pensando profundamente sobre cada situação. Anne Alvarez fala da importância de sermos “companhias vivas” para nossos pacientes.

A Triagem é o primeiro contato que as famílias têm com a Instituição. Sendo assim, nossa vivacidade e postura ativa/dinâmica são fundamentais

de pé, de costas ou de bruços; usando as pernas deliberadamente para exploração ou locomoção. Nesta etapa inicial de formação psíquica, tais manifestações também podem ser vistas através do desenvolvimento da linguagem, da forma como a criança lida com momentos de separação, do sono, da aceitação e introdução dos alimentos, controle de xixi e cocô e da maneira como lida com regras e limites. Poder avaliar as exteriorizações citadas e entender se estão adequadas ou não para aquele momento do desenvolvimento é um dos pontos de atuação do psicólogo com pacientes pequenos. Este trabalho se dá de forma vincular, a relação entre o paciente e aqueles que o cuidam é observada, acompanhada e trabalhada durante os atendimentos. Por este motivo, os atendimentos são realizados com os pais e/ou adultos de referência junto com a criança.

Este é um trabalho de cunho preventivo que implica em contribuir para que as crianças estejam mais seguras e confiantes para explorarem o mundo ao seu redor e, ao mesmo tempo, estabelecerem relações com bases mais sólidas junto de quem as cerca, favorecendo assim um desenvolvimento emocional mais saudável e fundamentando os processos cognitivos.

**Daniela Raskin, Desirée Trois,
Fabiola Alba, Milene Merg,
Viviane Silveira, Camile Marczyk,
Daniela Cansi, Júlia Jaskulski
e Gabriela Filipouski.**

Coordenadora e Equipe do Setor de
Intervenção Precoce

nesse encontro e se fazem presentes em cada olhar, a cada escuta, a cada fala, a cada emoção. As famílias que nos buscam com “reclamações e reivindicações” precisam encontrar uma direção norteadora para as suas dores, sofrimentos e angústias. Após esta primeira acolhida, passamos ao segundo papel fundamental da Triagem: o encaminhamento.

Para isso, precisamos usar o nosso “coração pensante” para pensar/sentir quais dos nossos Psicoterapeutas ou Setores (Anjos Necessários) poderão acolher cada caso, para que possam construir um vínculo inédito e trilhar níveis de trabalho terapêutico ao longo dos encontros, possibilitando que o paciente se torne sua própria companhia viva.

**Fernanda Amorim, Daniela
Lajus, Elisa Azevedo, Fernanda
Matte e Juliana Santos.**

Coordenadora e Equipe do Setor de Triagem

Pesquisa

Recentemente, conduzimos um estudo visando a compreender a experiência de psicoterapeutas de orientação psicanalítica de Porto Alegre no atendimento de crianças e adolescentes em psicoterapia on-line durante a pandemia.

Os resultados mostram que os maiores desafios enfrentados por eles referem-se à adaptação ao ambiente virtual e não ao emprego da técnica psicanalítica na modalidade on-line. A maioria dos psicoterapeutas referiu não ter sentido dificuldades em formular interpretações, em utilizar a transferência e a contratransferência ou em manter a neutralidade e o contrato terapêutico.

A necessidade de assumir uma postura mais ativa mostrou-se frequente, assim como a sensação de permanecer em sintonia com os pacientes,

apesar da distância física.

Ao apontar a psicoterapia on-line de crianças e adolescentes como uma possibilidade, nosso estudo reforça a proposta de autores como Anne Alvarez de adaptação da técnica psicanalítica às necessidades dos pacientes.

Assim, em um momento caótico de perdas, medos e inseguranças sem precedentes, nossos terapeutas mantiveram-se como uma companhia viva para seus pacientes, que reclamavam e reivindicavam suas dores. Da mesma forma, pode-se pensar que a psicanálise também pôde sobreviver a este desafio técnico de um impedimento externo.

— Elisa Cardoso Azevedo, Cristiane Friedrich Feil, Cristina Horta, Helena da Silveira Riter, Luisa Dall’Agnol, Luísa Feijó Pinheiro Mello e Roberta Iankilevich Golbert.

Comissão de Pesquisa

Avaliação Psicológica

O Setor de Avaliação Psicológica tem como prática auxiliar os psicoterapeutas da nossa instituição, e também os que buscam o CEAPIA a clarear dúvidas terapêuticas, quanto ao nível de funcionamento psíquico das crianças e dos adolescentes.

Ainda, o Setor se propõe a avaliar dificuldades e potencialidades cognitivas, para uma visão mais precisa sobre o estado mental do paciente no momento em que procurou ajuda.

Ao ler a obra de Anne Alvarez, é possível encontrar relatos da utilização de avaliações psicológicas como ferramentas para compreensão dos pacientes.

No caso Robbie, paciente principal do livro *Companhia Viva*, no capítulo 1 “Longa Queda”, Anne Alvarez refere que Robbie realizou testes psicológicos para avaliar sua inteligência, o que foi crucial para sua indicação terapêutica. Essas avaliações foram feitas no decorrer do tratamento, a fim de acompanhar possíveis evoluções no quadro.

Em outro trabalho da autora, ela cita o uso do teste de Personalidade Rorschach, auxiliando no atendimento aos pais de uma criança, com o objetivo de esclarecer aspectos da personalidade em formação da criança.

Diante dos encontros preparatórios para a nossa Jornada de 2021, na qual teremos a autora como convidada, é possível dizer que a avaliação psicológica pode auxiliar a sabermos em que “trilho” a criança ou adolescente pode ser abordado na psicoterapia no momento da avaliação. Eles podem estar no nível Explicativo (estado mental em que predomina a integração), no nível Descritivo (estados paranoides e/ou persecutórios) ou no nível de Vitalização (estados de vazio e/ou dissociados).

A Avaliação Psicológica possibilita comprovar os efeitos da psicoterapia. Os resultados das testagens revelam evoluções ou bloqueios que levam os psicoterapeutas a refletirem sobre os casos e suas formas de abordagem e acesso aos pacientes, como tão claramente nossa convidada aborda em seus trabalhos.

— Paula Pecis, Camile Marczyk, Cíntia Berriel, Cristiane Feil, Fabíola Alba, Júlia Raskin, Mariana Santin, Milene Merg, Patrícia Sanberg e Viviane Silveira.

Coordenadora e Equipe do Setor de Avaliação Psicológica

Transtornos Alimentares

No Setor de Transtornos Alimentares do CEAPIA, trabalhamos com pacientes crianças, adolescentes e adultos que requerem uma abordagem diferente da técnica psicanalítica clássica. São pacientes que precisam de uma postura mais ativa por parte do terapeuta, além de um atendimento em equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, nutricionista, psiquiatra e clínico geral.

Nesse sentido, a obra de Anne Alvarez, convidada deste ano da Jornada do CEAPIA, nos é de grande valia para o tratamento dos pacientes que chegam até nós. Seu trabalho com pacientes com distúrbios e sofrimentos severos, assim como seus conceitos de companhia viva e dos três níveis de trabalho analítico

nos inspiram e auxiliam a nos mantermos enquanto companhias vivas e pensantes para os nossos pacientes, proporcionando-lhes uma nova experiência emocional.

O trabalho com pacientes com transtornos alimentares exige uma adaptação sensível por parte do terapeuta às necessidades e ao nível de comunicação do paciente, ou, como nos diria Anne Alvarez, um trabalho de calibragem. Esperamos que na Jornada do CEAPIA deste ano possamos seguir aprendendo com essa importante teórica da psicanálise.

— Clarissa Zavagna Gralha,
Aline Bruschi, Ana Paula Portela,
Cristina Lessa Horta,
Júlia Homrich Jaskulski,
Júlia Medeiros Huber, Laura Wolf,
Raquel Bertuol Gargioni Manfroi,
Rodrigo Gabbi Polli
e Thassia Brizolara Ferreira.

Coordenadora e Equipe do Setor de
Transtornos Alimentares

Atendimento a Pais

O Setor de Atendimento a Pais utiliza algumas das ideias de Anne Alvarez, como a importância de conhecer, amparar e trabalhar pais e mães reais em sua jornada parental. Concebemos as figuras parentais como desempenhando funções de pais ambiente na vida de uma criança/adolescente em desenvolvimento (analogia ao conceito de Winnicott de mãe-ambiente suficientemente boa, ao qual Alvarez faz referência), cujas qualidades psíquicas têm peso estruturante na construção do psiquismo dos filhos.

Os investimentos afetivos de pais e mães em sua prole – ou a falta destes – são um dos pontos de maior atenção no nosso atendimento. Trabalhamos a qualificação da presença deles na vida emocional dos filhos, procurando fazer com que “reclamem” a sua presença, narcisizem sua importância, reconheçam-nos em suas individualidades e impliquem-se como companhias vivas, investindo na relação.

O conceito de “reclamação” de Alvarez, entendido como postura técnica do terapeuta para vitalizar pacientes traumatizados e imersos em um vazio emocional intenso, é útil no trabalho

com a parentalidade ao “reclamarmos” a presença psíquica destes pais conosco e junto a seus filhos.

Desse modo, oferecemo-nos como fonte de investimento emocional, como cuidadores interessados no crescimento psíquico deles e como objetos suficientemente bons para sermos internalizados e, em alguma medida, usados na vida de relação com os filhos.

A vivência deste tipo de vínculo vitalizante nos parece fundamental para a possibilidade de evolução da maioria dos pacientes-pais que o Setor vem acompanhando. Serem vivamente reclamados como pais serve de esteio para pais desinvestidos ou com falhas importantes no desempenho de seu lugar junto aos filhos, facilitando transformações reais no sentimento de que é possível se ter com quem contar e compartilhar afetos.

— Tânia Wolff, Aline Bruschi,
Fernanda Amorim,
Fernanda Bennemann,
Gabriela da Luz, Laura Wolf de Souza,
Maria Quitéria Sperb,
Mariana Ayres da Silva* e Thanise Weinert.

Coordenadora e Equipe do Setor
de Atendimento a Pais
*aluna-ouvinte do Setor

Quem Cai, eu Caio? - Caminhos para existir

Anualmente, o CEAPIA oportuniza aos alunos desenvolver um trabalho de integração teórico-clínica. Receber o Prêmio Destaque por este trabalho foi uma enorme alegria, pois escrever sobre um atendimento é tanto desafiador quanto belo.

O desafio está em, respeitosamente, tomar em nossa mente as pessoas que atendemos como personagens para poder contar suas histórias. Até certo ponto, autorizar-se a traduzir em texto as experiências ocorridas em sessão sempre implica em transformá-las, pois exige pensar as palavras para que sejam preenchidas do significado mais próximo possível ao que foi vivido. Por isso, escrever, por si só, já é um processo de elaboração em um segundo

tempo, por meio de uma narrativa.

Narrar-se, inclusive, é o que torna algumas experiências suportáveis, e neste sentido, escrever sobre o paciente de meu trabalho foi muito importante. Possibilitou que eu encontrasse bases teóricas e técnicas que me auxiliassem nas situações difíceis que se apresentavam em nossos encontros e permitiu que, aos poucos, eu encontrasse palavras para o que ele me revelava por meio de quedas

Tornar alguém protagonista para contar sua própria história: acho que esta é a beleza da escrita clínica.

— Ana Carolina Mello Pechansky

Psicóloga e Aluna do 2º ano do Curso do CEAPIA

Estágio

O ano de 2021 continua nos trazendo desafios, pois, com a continuidade da pandemia e a necessidade de retomarmos as seleções para o estágio, novas revisões de cronogramas precisaram ser feitas. Anne Alvarez nos faz pensar sobre o equilíbrio que precisa existir nas intervenções psicanalíticas, ou seja, o terapeuta não pode estar tão próximo do paciente para que este não se sinta invadido, nem tão longe do paciente de forma que este sinta uma ausência. Assim pensamos com nossos estagiários.

O desafio segue sendo encontrar uma maneira de propiciar (predominantemente on-line) um estágio que possa ter uma “distância ótima”: nem

tão perto que não possibilite que o estagiário possa descobrir as suas formas e capacidades de ser um futuro terapeuta; nem tão longe que faça com que se sinta desamparado e sem uma base sólida para poder aprender.

Bem como o bebê precisa estar em solo firme para poder aprender a caminhar, nossos estagiários também precisam encontrar no CEAPIA uma casa segura que possa garantir uma base firme para poderem trilhar esse caminho de aprendizagem no processo de se tornarem psicólogos.

— Fernanda Matte e Fernanda Porto

Coordenação do Setor de Estágio

Comunidade

O primeiro encontro do ano teve como tema a importância do narrar. Os nossos convidados, Celso Gutfreind (psicanalista e autor) e Leonardo Stürmer (jornalista e escritor), aprofundaram, da parte teórica à parte prática e poética, o quanto o ser humano precisa construir histórias para se subjetivar e poder enfrentar desafios.

Anne Alvarez também nos faz pensar além do significado das palavras e nos mostra a importância do tom, do ritmo, e do equilíbrio entre as pausas e as falas. Narrar é sobre esse jogo. É sobre poder auxiliar uma criança ou um adulto a ir compreendendo o mundo e a sua história neste espaço. No seu tempo, no seu ritmo, da forma como ele/a precisa que seja.

Os Encontros com a Comunidade também têm esta função: ir pensando, junto aos acontecimentos atuais, temáticas que nos ajudem a refletir e enfrentar as dificuldades na escola, na sociedade e em todos os ambientes em que há o encontro de um ser humano com outro.

— Fernanda Porto e Fernanda Matte

Coordenação do Encontro com a Comunidade

Sexta-feira

26/11/2021

14H00

ABERTURA DA JORNADA

Viviane Silveira (Presidente do CEAPIA)
Maria Cristina Bressani (Diretora Científica do CEAPIA)

14H30MIN - 16H00

TERRITÓRIOS INABITADOS: A PSICOTERAPIA ON-LINE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Comissão de Pesquisa do CEAPIA
Gabriela Quadros de Lima Stenzel (UNISINOS)
Aline Wageck (SPPA)
Coordenação da mesa: Roberta Golbert (CEAPIA)

INTERVALO (30 MIN)

16H30MIN - 18H00

ENTRE OBSTRUÇÕES E LIGAÇÕES: RECLAMANDO POR POSSIBILIDADES

Setor de Adoção do CEAPIA
Setor de Intervenções Precoces do CEAPIA
Débora Regina Unikowski (SPRJ)
Coordenação da mesa: Giuliana Chiapin (CEAPIA/SBPdePA)

INTERVALO (30 MIN)

18H30MIN - 20H00

COMO ALCANÇAR PACIENTES GRAVES? O DESAFIO DE CONSTRUIR UMA "CORDA SALVA-VIDAS"

Setor de Ambientoterapia do CEAPIA
Equipe do Corpo Clínico do CEAPIA
Mariângela Mendes de Almeida (UNIFESP/SBPSP /Instituto Sedes Sapientiae)
Coordenação da mesa: Paula Pecis (CEAPIA)

Sábado

27/11/2021

10H00 - 12H15MIN

BOAS-VINDAS

Viviane Silveira (Presidente do CEAPIA)
Maria Cristina Bressani (Diretora Científica do CEAPIA)
Raquel Brodacz (Codiretora Científica do CEAPIA)
Conferência com **ANNE ALVAREZ** – "Estados vazios e mundo interno desabitado – problemas para preencher as lacunas"
Coordenação da mesa: Maria Cristina Bressani (CEAPIA) e Raquel Brodacz (CEAPIA)

INTERVALO (1H45MIN)

14H00 - 15H30MIN

DISCUSSÃO CLÍNICA COM **ANNE ALVAREZ** – CASO DE OBSERVAÇÃO DE BEBÊ

Apresentadora do caso: Mayara Sander (CEAPIA)
Coordenação da mesa: Elizabeth Zambrano (CEAPIA/SBPRJ)

INTERVALO (15 MIN)

15H45MIN - 17H15MIN

RODA VIVA COM **ANNE ALVAREZ**

Flávia Maltz (CEAPIA/SPPA)
Morgana Bortolini (CEAPIA/SPPA)
Coordenação da mesa: Marília Santos Krüger (CEAPIA)

17H15MIN

ENCERRAMENTO DA JORNADA E DIVULGAÇÃO DO PRÊMIO TEMAS LIVRES

Maria Cristina Bressani (Diretora Científica do CEAPIA)
Raquel Brodacz (Codiretora Científica do CEAPIA)